



A Glocalização e o Espírito da Graça: informalidade e Shalom além da economia política de intercâmbio

Glocalization* and the Gift-Giving Spirit:
Informality and Shalom beyond the Political Economy of Exchange

Amos Yong**

Tradução: Brasil Fernandes de Barros***

Resumo

Este artigo explora a relação entre religião, globalização e economia, concentrando-se na economia informal e recorrendo ao pentecostalismo mundial como um estudo de caso mais ou menos concreto. Uma vez definida a economia informal, o artigo examina os paralelos e interseções entre a igreja e a informalidade, identificando os desafios e oportunidades que existem para a igreja que se encontra na esfera informal, mas não limitada por ela, e esboça uma teologia pentecostal da economia informal à luz das primeiras práticas econômicas cristãs. O peso do documento é duplo: pensar em uma teologia cristã da economia no contexto da pobreza e dos processos de globalização, e considerar como a economia política cristã primitiva no livro de Atos pode informar tal reflexão teológica. Nesta perspectiva, o pentecostalismo contemporâneo fornece um trampolim para examinar questões econômicas locais e globais à luz das preocupações bíblicas e teológicas e vice-versa. O desafio será discernir como e até que ponto as primeiras práticas econômicas cristãs podem ser consideradas para informar a economia política pentecostal contemporânea, por um lado, e como esta interface entre a prática bíblica e contemporânea fundamenta a reflexão sobre uma teologia cristã da economia no mundo capitalista moderno tardio do início do século XXI.

Palavras-chave: Economia informal. Teologia da economia. Espírito Santo. Teologia Pentecostal. Lucas-Atos.

Abstract

This article explores the relationship between religion, globalization, and economics by focusing on the informal economy and by drawing from world pentecostalism as a more-or-less concrete case study. After defining the informal economy, the article examines the parallels and intersections between the church and informality, identifies the challenges and opportunities that exist for the church that is *in* but not constrained by the informal sphere, and sketches a pentecostal theology of the informal economy in light of early Christian economic practices. The burden of the paper is two-fold: to think about a Christian theology of the economy in the context of poverty and globalization processes, and to consider how the early Christian political economy of the book of Acts can inform such theological reflection. From this perspective, contemporary Pentecostalism provides a springboard for examining local and global economic issues in light of biblical and theological concerns and vice-versa. The challenge will be to discern how and to what degree early Christian economic practices can be said to inform contemporary pentecostal political economy on the one hand, and how this interface between biblical and contemporary practice funds reflection on a Christian theology of economics in the late modern capitalistic world of the early twenty-first century.

Keywords: Informal economy. Theology of economics. Holy Spirit. Pentecostal theology. Luke-Acts.

* Nota do tradutor: *Glocalization* ou Glocalização em português é um neologismo resultante da fusão dos termos global e local. Refere-se à presença da dimensão local na produção de uma cultura global. Este artigo foi publicado originalmente no *Journal of Youngsian Theology*, v. 25, p. 7-29, 2012 e é aqui reproduzido com autorização do próprio autor. Foram realizadas adequações às normas da ABNT.

** Professor of Theology & Mission, Fuller Seminary, Pasadena, CA. E-mail: amosyong@fuller.edu

*** Mestre e doutorando em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. Bolsista CAPES. Brasil. ORCID: 0000-0002-5285-4871. E-mail: brasil@netinfor.com.br

Introdução*

O crescimento do pentecostalismo e dos movimentos carismáticos na vanguarda do cristianismo mundial convidam a uma reconsideração das questões fundamentais na confluência da religião e da economia¹. O debate acadêmico até agora tem sido – em geral – ideologicamente conduzido, com os mais conservadores e evangelicamente inclinados a enfatizar as iniciativas de desenvolvimento e os mais progressistas tendendo a insistir em métodos e estratégias libertárias². Na medida em que a maioria dos pentecostais tem estado mais em sintonia com os evangélicos do que com os liberais, protestantes de primeira linha, ou mesmo com a Igreja Católica (embora não devamos esquecer a extensa corrente carismática católica mundial), e na medida em que os pentecostais geralmente não têm defendido uma agenda sócio-política radical (embora novamente, tenham ocorrido exemplos de tais formas de pentecostalismo que – na verdade – exceções provaram a regra), nesse mesmo grau muitos analistas do pentecostalismo global tendem a pensar que o movimento é geralmente compatível com a economia de mercado neoliberal emergente, se não mesmo com a economia de mercado emergente³.

Proponho, no entanto, que mudemos os termos da discussão para longe do desenvolvimento ou da liberação (ou de qualquer das outras categorias construídas de forma dualista como capitalismo ou socialismo), a fim de dar uma nova perspectiva às questões, por meio das lentes da economia informal. Suspeito que uma perspectiva econômica informal lançará nova luz sobre o pentecostalismo em particular e ao cristianismo – em geral – como movimentos religiosos mundiais, e que os *insights* resultantes também nos ajudarão a ir além dos setores polarizados do debate de uma forma que também possa ser sugestiva para pensar normativamente (ou seja, teologicamente) sobre a

* Nota do autor: Uma versão anterior deste artigo foi apresentada no painel *Global Economies of the Sacred* na Academia Americana de Religião (AAR) em Montreal – Canadá – em 9 de novembro de 2009. Sou grato a Benny Tat-siong Liew e ao Comitê de Conexões Internacionais da AAR pelo convite para fazer parte deste painel. Agradeço também ao meu assistente de pós-graduação, Timothy Lim Teck Ngern, que deu *feedback* sobre um rascunho anterior, e ao Prof. Munhong Choi, do *Journal of Youngsian Theology* pela publicação do mesmo. Quaisquer erros de fato e interpretação continuam sendo de minha própria responsabilidade.

¹ Para maiores discussões sobre a forma emergente do cristianismo mundial, ver Poewe (1994); Hollenweger (1997); Jenkins (2002); Anderson (2004).

² Estas trajetórias têm sido pesquisadas por Thia Cooper (2007).

³ Isto tem sido discutido com certa profundidade e com alguma perspicácia por David Martin (2002). Ver também Isabelle Barker (2007).

interface entre a vida religiosa e a economia. Para estes fins, proponho – neste estudo – a realização de quatro tarefas primárias, correspondentes às quatro seções principais deste artigo:

- a) definir o que quero dizer com economia informal;
- b) explorar os paralelos e interseções entre a igreja e a informalidade;
- c) identificar os desafios e oportunidades que existem para a igreja que se encontra na esfera informal, mas não limitada por ela,
- d) esboçar, em traços amplos, uma espécie de teologia (pentecostal) da economia informal abordada pela discussão.

Nosso objetivo é reexaminar a relação entre religião, globalização e economia, enfocando a economia informal e extraindo do pentecostalismo mundial como um estudo de caso mais ou menos concreto⁴.

1 O que é a “economia informal”?

A economia informal, por definição, existe fora da economia regulamentada e sob o domínio das leis (formalizada) ⁵. Um domínio extremamente heterônomo, uma fenomenologia da economia informal incluiria – pelo menos – os seguintes tipos de agentes e atividades econômicas: vendedores ambulantes, riquixás/puxadores de carro, transporte compartilhado, recicladores, pequenos negociantes/comerciantes, pequenos produtores de itens, proprietários de negócios (muito) pequenos (muitas vezes em esquinas e não em seus próprios edifícios alugados ou próprios), arranjos de vida casuais, trabalhadores domésticos (fabricantes de roupas e calçados, bordadeiras, montadoras, etc.), trabalhadores temporários, subempreiteiros, processadores de dados autônomos, trabalhadores rurais e agrícolas, trabalhadores não registrados/não declarados, parceiros de cooperativas e

⁴ Não peço desculpas por tal foco dada minha própria posição eclesial interna e minha afiliação vitalícia com as igrejas pentecostais; veja também Amos Yong (2005).

⁵ Um clássico da análise da economia informal é De Soto (1989). Minha única objeção com o trabalho de De Soto é que ele se concentra na formalização da propriedade como a resolução quase "mágica" da pobreza global à negligência das análises culturais e religiosas. Como os sistemas culturais-religiosos entendem a propriedade é uma questão igualmente importante para a teoria econômica e propostas de desenvolvimento. No entanto, a fenomenologia da economia informal de De Soto é ao mesmo tempo envolvente e clara para nossos propósitos.

parcerias, e trabalhadores a tempo parcial, temporários e autônomos. Como deve ficar claro nesta breve enumeração, a atividade econômica informal atravessa iniciativas explicitamente econômicas, mas em muitos casos também se conecta com outras relações e interações sociais, comunitárias e culturais.

Embora haja alguma sobreposição entre as transações econômicas informais e as economias pré-modernas, a primeira é agora reconhecida como uma característica mais ou menos permanente da economia de mercado (PORTES; CASTELLS; BENTON, 1989). Evidentemente, a atividade econômica informal é especialmente perceptível em regiões (e nações) que trabalham para ingressar na economia global durante períodos de crise econômica e recessão nas nações desenvolvidas. Também há uma continuidade suficiente entre as economias formal e informal em vez de uma demarcação rigorosa entre elas para que, mesmo em ambientes industrializados, mais de um quarto de toda a atividade econômica ocorra no setor informal (INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION, 2002).

De fato, os economistas têm sugerido que superemos qualquer dicotomia conceitual rígida entre a economia formal e informal (GUHA-KHASNOBIS; KANBUR; OSTROM, 2006). Certamente, o impulso dos teóricos mais ativos que trabalham nesta área é de encontrar maneiras de formalizar as atividades econômicas informais a fim de liberar o potencial desses recursos, bens e mão-de-obra como um meio de engajar os pobres com a economia global (SOLIMAN, 2004, por exemplo).

Como então a economia informal pode ser entendida? Por um lado, a existência do setor informal “pode ser vista como uma resposta construída por parte da sociedade civil à interferência indesejada do Estado.” (PORTES, 1994, p. 444). Por outro, porém, é justo dizer também que a explosão da informalidade ocorreu em reação ao mercantilismo e às burocracias estatais que dificultam a formalização efetiva da atividade econômica na base. Como respostas instintivas das massas à pobreza, ao subdesenvolvimento e às ineficiências do sistema político-jurídico, a economia informal exhibe uma boa dose de energia, de espírito, de empreendedorismo, de engenhosidade, de produtividade, de persistência e apenas de trabalho árduo. Por sua natureza –

portanto – os negócios da economia informal não são registrados, suas transações não são calculadas (nem computadas) em termos de produtos nacionais brutos e suas rendas não são tributadas (e, muitas vezes, não são tributáveis). No entanto, embora a economia informal certamente inclua atividades semilegais e até mesmo ilegais (sobre as quais diremos mais adiante), é provavelmente mais correto entender este fenômeno global em termos de extra legalidade (DE SOTO, 1989). Como sugere De Soto, em outro lugar, enquanto muitos assumem que a economia informal como estando no lado de baixo do sistema econômico mundial, em alguns aspectos, "Na verdade, é a legalidade que é marginal; a extralegalidade se tornou a norma. Os pobres já assumiram o controle de grandes quantidades de bens imóveis e de produção." (DE SOTO, 2000, p. 30). Aqui também estão os desafios: operações extralegais na área informal que resultam em empregos desprotegidos (os trabalhadores ficam sem benefícios de qualquer tipo), colidem com a capacidade dos informais de crescer, desenvolver e expandir seu comércio (pelo menos no setor formal/legal), e os deixam vulneráveis ao roubo, à violência e à extorsão⁶. Em resumo, a vida na economia informal não é ideal, e provavelmente é justo dizer que os agentes econômicos informais fazem o que fazem a fim de sobreviver nas margens econômicas da sociedade.

2 A igreja e a informalidade

Minha sugestão neste artigo é que ao pensar com, e e por meio da economia informal, também se possa lançar uma nova luz sobre a interface entre a *eclesia* e a economia, especialmente sobre como a igreja funciona – pelo menos em parte – pela constituição de um conjunto alternativo de práticas econômicas. Se os valores e objetivos da economia formal são baseados na concorrência, equilibrando o mercado de oferta e demanda, a obtenção de excedentes/lucros e o princípio de reinvestimento desses para a futura geração de riqueza, o objetivo mínimo da economia informal parece ser o de alcançar a subsistência e o mínimo de conforto. Sem acesso ao setor formal, os informantes trabalham – necessariamente – em organizações subsidiárias (não

⁶ Para um estudo precoce das linhas embaçadas entre interações legais e ilegais no domínio informal, veja Jenkins (1968, p. 166-194).

formalizadas) e muitas vezes encontram solidariedade uns com os outros na busca de uma causa comum.

Em outras ocasiões, tenho argumentado, em diálogo com as últimas descobertas da erudição bíblica contemporânea, que as práticas dos primeiros seguidores do Messias podem ser vistas como uma expressão eclesial da economia informal (YONG, 2010b; 2012a). O apelo de Jesus por uma recuperação e implementação da ética Jubilar – ou seja, seus ensinamentos sobre pobreza e riqueza, a doação de graças, o compartilhamento e a reciprocidade (RINGE, 1985) foram concebidos para superar as disjunções entre ricos e pobres e para fortalecer efetivamente novas relações econômicas em vez de apoiar o status quo econômico prevalecente. Seus fiéis encarnaram, pelo menos por algum tempo, uma comunidade igualitária que atendia às necessidades de seus membros através de modalidades informais de reciprocidade. Em resumo, a economia dos primeiros cristãos pode ser entendida como antecipação da vida econômica contemporânea no setor informal.

De forma semelhante, hoje em dia, se as congregações pentecostais independentes, as igrejas emergentes e as igrejas restauracionistas operam de maneira informal em reação às denominações estabelecidas, não poderíamos também ver as várias formas de intercâmbio, de reciprocidade, de partilha e de solidariedade nessas comunidades eclesiais como prestando uma gama de serviços econômicos informais, tanto dentro da vida congregacional e comunitária como para aqueles de fora em testemunho missionário e evangelístico?

Nas igrejas pentecostais, que estão explodindo nas metrópoles urbanas do sul global, as pessoas que estão passando por um deslocamento devido às rápidas mudanças sociais, culturais e tecnológicas estão encontrando assistência econômica de várias maneiras: através de coletas de ofertas especiais em espécie e outros dons monetários, através de atividades caritativas prestadas pelos membros da igreja, através de trocas recíprocas de bens e serviços, e por meio dos fóruns educacionais oferecidos pelas igrejas que desenvolvem os conjuntos

de habilidades econômicas dos paroquianos, entre outros meios⁷. Estas formas de interação dentro da esfera eclesial são informais pela maioria das medidas econômicas, mas o resultado são efeitos tanto na economia informal quanto na formal. No entanto, o que está ocorrendo não se destina – antes de tudo – ao registro na economia formal. Pelo contrário, a compreensão da maioria das igrejas pentecostais é principalmente teológica, como o corpo de Cristo e a comunhão do Espírito vivendo o modo de vida apostólico. Os modos econômicos de análise são apenas subprodutos da atividade carismática das pessoas do Espírito enquanto elas se apoiam, edificam e fortalecem umas às outras para o amor e as boas ações.

São nestes vários aspectos que a análise das práticas da Igreja – a partir da perspectiva da economia informal – revela como a solidariedade eclesial, como forma de vida, proporciona um conjunto alternativo de valores econômicos ao que é proposto por qualquer economia formal (capitalista ou socialista, etc.). Assim, o que Pedro diz ao coxo do portão chamado de Formosa: “Não possuo prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda” (At 3, 6)⁸, sugere que a igreja opera não somente dentro da economia formal, mas mais ainda mobilizando a generosidade dos fiéis e fortalecendo os fracos em seu meio em nome de Jesus. Da mesma forma, o pentecostalismo mundial, como movimento urbano de massa, envolve populações dinâmicas nacionais, internacionais e transnacionais que formam novas comunidades no lugar das relações familiares e de clãs que foram deixadas para trás, e é dentro desses novos enclaves (igrejas e redes) que as pessoas encontram conforto espiritual e material, apoio e ajuda⁹.

As práticas dos primeiros cristãos e do pentecostalismo contemporâneo como fenômeno global/urbano servem de modelo para os tipos de arranjos

⁷ Para a explicação dessas várias modalidades de interface pentecostal com a economia, ver meu trabalho: Yong (2010b), esp. capítulos 1.2 e 7.1; cf. também Walker (1985); Loreto (1994); Chesnut (1997); Corten (1999); Wesley (2004); e Kalu (2006).

⁸ NT- Aqui utilizamos a tradução bíblica de João Ferreira de Almeida mais comum no Brasil.

⁹ Percebo que quando algumas pessoas pensam em pentecostalismo, pensam no evangelho da saúde e da riqueza e em televangelistas que pregam um nome e reivindicam uma mensagem. Embora qualquer discussão prolongada sobre pentecostalismo e economia tenha – necessariamente – que lidar com esta questão, pelo menos dois pontos são dignos de nota ao considerar o foco deste artigo: 1) que mesmo em tais círculos evangélicos de prosperidade, o número dos verdadeiramente ricos é muito pequeno, e 2) a maioria do cristianismo mundial em geral e do pentecostalismo global em particular é constituída pelos pobres. As pessoas se convertem ao pentecostalismo porque ele tem sido, como disse Christian Lalive d'Épinay a mais de uma geração, um “refúgio das massas”, e em muitos aspectos isso não é menos verdade hoje. (D'EPINAY, 1969).

econômicos que enfatizam a mutualidade e o compartilhamento, assim como a responsabilidade e a iniciativa local¹⁰. Em vez de ser dominada pela economia de intercâmbio e suas transações de oferta e demanda, a igreja é guiada por uma economia pneumatológica e carismática da graça que destaca a caridade (doação sem antecipação de retorno), o perdão (não só dos pecados, mas também das dívidas) e a comunhão solidária (alimentada através de relações interpessoais, refeições comuns e interações diárias). As características em grande parte impessoais do mercado global são temperadas por relações eclesiais que se baseiam, enriquecem e se relacionam com empresas locais, associações comunitárias e cooperativas, e de parentesco, família estendida e outros empreendimentos econômicos domésticos. Enquanto a economia global formal é impulsionada por finanças especulativas, extensões de crédito e a flexibilidade monetária como meio de intercâmbio econômico, a economia da graça no trabalho na igreja serve a Deus em vez de Mamom e alimenta o relacionamento enquanto fornece serviços (especialmente voluntários) que permitem um engajamento mais perspicaz com o regime do mercado neoliberal¹¹.

Em um aspecto, eu iria além do que os economistas políticos definem como as margens da economia informal e incluiria a esfera da reprodução e do cuidado¹². A igreja que privilegia os pobres também dá prioridade às viúvas, órfãos, crianças, idosos, enfermos, pessoas com deficiência, e aqueles que de outra forma seriam vulneráveis, para que o cuidado desses grupos de pessoas seja registrado como o mais importante do ponto de vista da economia da graça. Neste contexto, surgem várias formas do que podemos chamar de empreendedorismo coletivo que, por um lado, sustentam os membros vulneráveis que estão à margem, se não a afastado da história, mesmo quando, por outro lado, se cultiva a criatividade não apenas para a sobrevivência, mas

¹⁰ Para um entendimento mais profundo, veja Jung (1999, p. 138-160), esp. p. 158-159.

¹¹ Sobre esta nota, recomendo Goodchild (2007), para os que não são fracos de coração e estão interessados em repensar as dimensões teológicas do dinheiro. A principal proposta construtiva de Goodchild é desenvolver bancos de crédito avaliativo que possam fornecer orientação religiosa e moral para a avaliação e o investimento do dinheiro na economia de mercado. Minha sugestão apenas insiste na igual importância das práticas eclesiais que incorporam os valores do Espírito, uma vez que, além dessas relações concretas, no devido tempo deixaremos de ser capazes de desenvolver critérios viáveis para a avaliação do próprio dinheiro. Cf. também Goodchild (2002).

¹² Veja Kittay; Feder (2002); cf. Gregory (2008), esp. capítulo 3.

também para o bem comum mais amplo¹³.

3 Na economia informal, mas não fora dela

As reflexões anteriores – no entanto – não devem nos entorpecer em um falso senso de realização no diálogo entre religião e economia, nem nos cegar para os desafios enfrentados pelas realidades da vida na economia informal. Por isso, uma série de esclarecimentos são necessários. Primeiro, deve-se observar que tal consideração da igreja a partir da perspectiva da economia informal não remove a igreja nem do mundo nem do mercado (formal) global¹⁴. Isto não é nem um chamado para a derrubada do capitalismo nem o estabelecimento de outra forma de socialismo ou comunismo, mas sim um lembrete sobre como a igreja, quando se dedica a seus negócios de edificação comunitária, automaticamente ordena um modo de vida econômico que segue as pegadas de Cristo pelo poder do Espírito. Em segundo lugar, desejo simplesmente destacar como a participação na economia informal serve como um protesto contra a ganância egoísta, o materialismo consumista e o hedonismo desenfreado que ameaçam perenemente minar a economia de mercado neoliberal. A solidariedade comunitária, a iniciativa privada voltada para o bem público, as relações locais e interpessoais, as trocas e a prestação de contas - tudo isso se combina para amenizar os efeitos debilitantes da queda no mercado livre. Finalmente, minha avaliação da Igreja como uma organização em ação no setor informal não pretende confirmar ingenuamente tudo o que acontece nesse domínio. A igreja não pode legitimar a distribuição de contrabando – drogas, música e outros bens –, permitir a evasão fiscal, subornos, propinas e outras formas de atividade ilegal, ou olhar a entrega de serviços ilegais – prostituição e tráfico de escravos. A igreja também não pode pensar que um setor informal funcional é um meio de pacificar os pobres ou que isso alivia a responsabilidade

¹³ Neste artigo, deixo de lado o fenômeno da teologia da prosperidade, especialmente porque se desenvolveu dentro dos círculos pentecostais, neo-pentecostais e carismáticos. Este movimento requer suas próprias análises, já que a maioria de suas transações econômicas está registrada na economia formal. Portanto, não esqueço essa dimensão da interface entre pentecostalismo e economia. É apenas que o que acontece nesse domínio não deve impedir o foco nas formas de pentecostalismo que são eficazes para permitir que as pessoas sobrevivam economicamente, por mais informal que isso possa estar ocorrendo. Para maiores discussões, ver Attanasi;Yong (2012).

¹⁴ Às vezes, os intelectuais menonitas estão mais predispostos a se retirar da ordem capitalista e formar uma economia alternativa baseada na comunidade local e defendendo críticas morais e ambientais da ordem atual a partir das margens menonitas. Sou solidário com as motivações teológicas por trás de tais preocupações, mas não penso que uma retirada do mercado seja viável ou o melhor caminho a seguir. Ver, por exemplo, Halteman (1994, p. 321-331).

da igreja de falar profeticamente ao Estado a respeito da promulgação da justiça.

Estas advertências suscitam a questões acerca do que a igreja deveria fazer para enfrentar as muitas injustiças que são perpetuadas pela economia informal. O fato é que a economia informal é dominada pelos pobres, que são explorados tanto pelos criminosos – por meio de atividades ilegais – quanto pelos ricos – que colocam os pobres para trabalhar em indústrias ou por salários injustos –, além de ter que negociar os desafios de sistemas políticos, sociais e econômicos injustos. Sem querer nem idealizar a pobreza, nem sentimentalizar ou apadrinhar os pobres, sugiro que uma economia pneumatológica da graça, segundo o paradigma do Jubileu de Jesus, será sensível aos fatores globais que se chocam com as economias injustas, mas também será focalizada em projetos e iniciativas locais, especialmente em nível congregacional e paroquial¹⁵. Em outras palavras, a resposta de Jesus às necessidades dos pobres em vários aspectos convida a igreja contemporânea a estar atenta aos múltiplos níveis de pobreza que afligem as pessoas de hoje. Portanto, a cura individual é incompleta sem a provisão de necessidades materiais básicas, amizades e cuidados espirituais, acesso a recursos sociais, educacionais, políticos, econômicos, médicos e civis, e atenção para a formação de um modo de vida ambiental e ecologicamente sustentável. Assim, a solidariedade com a população pobre requer o desenvolvimento de organizações subsidiárias que incluam aqueles fora das comunidades eclesiais a fim de identificar e corrigir as causas da pobreza em cada nível, e para que o feedback dos níveis inferiores também possa desencadear revisão, reforma e reorganização nos níveis superiores. As desigualdades socioestruturais relacionadas a gênero, raça, classe e deficiências físicas, intelectuais e outras deficiências sensoriais devem ser enfrentadas tanto na base, onde possam ser sensíveis aos desafios particulares envolvidos, quanto nos níveis políticos, onde políticas mais gerais e abstratas possam ser formuladas a fim de forjar uma sociedade mais justa (HARTROPP, 2007, cap. 2). Neste último domínio, a igreja deve ser uma voz profética que chame a atenção para a visão bíblica do *shalom*, mas que também forneça instâncias de

¹⁵ Desenvolvi aspectos deste argumento em vários outros espaços, incluindo Yong (2009, p. 22-34); Yong (2011); Yong (2012b), esp. part II.

tais práticas *shalômicas* – mesmo que apenas em pequena escala – a fim de apontar para um caminho melhor.

Estas últimas recomendações também nos fazem lembrar que, além de operar neste domínio informal ou “dentro dele”, a igreja também permanece ativa na economia formal em muitos níveis. As propostas anteriores não devem ser tomadas para sugerir que a igreja cesse as operações formais. De fato, a igreja – em suas várias formas locais e até mesmo globais – pode, e deve, ser entendida como corporações de vários tipos, e deve estar sujeita às diferentes restrições políticas, sociais e legais dentro desse domínio formal. Até certo ponto, muitas das contribuições da igreja para projetos de reforma política, justiça social e desenvolvimento econômico devem ser devidamente formalizadas. Minha sugestão de que encarar a igreja através das lentes da economia informal como proporcionando um conjunto de práticas contra econômicas não deve ser vista como uma negação ou rejeição do fato de que a igreja também funciona de forma diversa, e com razão, no setor formal.

Concluindo: reflexões teológicas

Propus – neste artigo – que o testemunho econômico da igreja não se esgote em suas transações formais. Na verdade, sugeri que a distinção do testemunho econômico da igreja ocorra na diversidade de suas atividades econômicas informais. De uma perspectiva teológica, estas economias eclesiológicas alternativas podem ser vistas como recuperação e canalização da economia pneumatológica da graça desencadeada no Dia de Pentecostes. Os muitos tipos de atividade econômica informal podem ser vistos como expressões de uma versão eclesial de uma autonomia e participação local, uma forma eclesialmente inspirada de criatividade e iniciativa, e um senso eclesialmente rico de apreciação pela diversidade da política global do corpo cristão.

Além desta visão mais geral da igreja informal, no entanto, sugiro uma interpretação pentecostal mais explicitamente motivada pela tese de que as muitas línguas do Espírito são antecipações dos muitos dons que são expressos

na esfera econômica¹⁶. Desta estrutura mais pneumatológica e carismática surge um conjunto de alternativas eclesiológicas, cultivadas dentro do setor informal, onde todos os membros são honrados, especialmente os fracos, de modo que todos estejam disponíveis para ajudar aqueles que estão sofrendo, mesmo que cada um contribua potencialmente com seu próprio dom peculiar para a edificação do todo¹⁷. Fortalecidos pelo Espírito, estes modos de vida e atividades econômicas informais também podem funcionar como parábolas proféticas que desafiam a corrupção, a injustiça, o hedonismo e a degradação ambiental característica do capitalismo neoliberal que é desenfreado dentro de uma economia de livre mercado. Em resumo, o Espírito não só prevê e constrói os necessitados através da generosa dispensação dos dons (carismas) do corpo de Cristo, mas também possibilita uma solidariedade de vida que resiste à economia mundial de dominação.

O resultado não será o *shalom* do reino vindouro, mas serão intimidações da paz, da justiça e da retidão que serão estabelecidas naquele dia do Senhor. Para os antigos profetas, o *shalom* hebraico se referia à totalidade, completude, segurança, amizade, bem-estar e até mesmo à salvação do povo, tanto individual quanto coletivamente. (por exemplo, BERRY, 2000, p. 167-173). Mais do que a ausência de conflito, deficiência ou afluência material, então, o *shalom* hebraico “tem em essência a ver com a qualidade de vida de uma pessoa e a qualidade de seu relacionamento com Deus, uns com os outros, e com o resto da criação.” (SWINTON, 2000, p. 58). Aqui os doentes encontrarão sua cura, talvez não necessariamente em curas corporais, mas certamente em, e através, de sua integração em comunidades reconciliadoras, solidárias e acolhedoras. Aqui também o evangelho encontrará sua penúltima realização, talvez não necessariamente em abundância e riqueza material, mas certamente em, e através, da suficiência de comunidades de fé mútuas, solidárias e generosas. Tal povo de Deus inspirado pelo Espírito, uma verdadeira comunhão do Espírito, unirá a diversidade do corpo eclesial em torno do nome de Jesus e graciosamente gerará e dispensará a autêntica saúde, riqueza e *shalom* além da economia mundial de intercâmbio.

¹⁶ Esta é a tese de minha monografia *In the Days of Caesar* (YONG, 2010b).

¹⁷ Veja meu trabalho: Yong (2010a, p. 76-93).

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Allan H. **An Introduction to Pentecostalism: Global Charismatic Christianity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- ATTANASI, Katherine; YONG, Amos (ed.). **Pentecostalism and Prosperity: The Socioeconomics of the Global Charismatic Movement**. Christianities of the World 1. New York: Palgrave Macmillan, 2012.
- BARKER, Isabelle V. Charismatic Economies: Pentecostalism, Economic Restructuring, and Social Reproduction. **New Political Science**, v. 29, n. 4, p. 407-427, 2007.
- BERRY, Malinda. Mission of God: Message of Shalom. In: SCHRAG, Dale; JUHNKE, James (ed.). **Anabaptist Visions for the New Millennium**. Kitchener, Ont.: Pandora Press; Scottdale, Penn.; Waterloo, Ont.: Herald Press, 2000. p. 167-173.
- CHESNUT, R. Andrew. **Born Again in Brazil: The Pentecostal Boom and the Pathogens of Poverty**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1997.
- COOPER, Thia. **Controversies in Political Theology: Development or Liberation?** London: SCM, 2007.
- CORTEN, André. **Pentecostalism in Brazil: Emotion of the Poor and Theological Romanticism**. New York: St. Martin's Press, 1999.
- D'EPINAY, Christian Lalive. **Haven of the Masses: A Study of the Pentecostal Movement in Chile**. Trans. Marjorie Sandle. London: Lutterworth Press, 1969.
- DE SOTO, Hernando. **The Mystery of Capital: Why Capitalism Triumphs in the West and Fails Everywhere Else**. New York: Perseus, 2000.
- DE SOTO, Hernando. **The Other Path: The Invisible Revolution in the Third World**. Translated by June Abbott. New York: Harper and Row, 1989.
- GOODCHILD, Philip. **Capitalism and Religion: The Price of Piety**. London; New York: Routledge, 2002.
- GOODCHILD, Philip. **Theology of Money**. London: SCM, 2007.
- GREGORY, Eric. **Politics and the Order of Love: An Augustinian Ethic of Democratic Citizenship**. Chicago: University of Chicago Press, 2008.
- GUHA-KHASNOBIS, Basudeb; KANBUR, S. M. Ravi; OSTROM, Elinor (ed.). **Linking the Formal and Informal Economy: Concepts and Policies**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2006.

HALTEMAN, Jim. Mennonites and Market Capitalism. In: REDEKOP, Calvin; KRAHN, Victor A.; STEINER, Samuel J. (ed.). **Anabaptist/Mennonite Faith and Economics**. Lanham, Md.: University Press of America, 1994. p. 321-331.

HARTROPP, Andrew. **What Is Economic Justice?** Biblical and Secular Perspectives Contrasted. Milton Keynes, UK: Paternoster, 2007.

HOLLENWEGER, Walter. **Pentecostalism: Origins and Developments Worldwide**. Peabody, Mass.: Hendrickson, 1997.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. Women and Men in the Informal Economy: A Statistical Picture. 2002. Disponível em: http://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_626831/lang--en/index.htm. Acesso em: 26 jan. 2011.

JENKINS, George. An Informal Political Economy. In: BUTLER, Jeffrey; CASTAGNO, A. A. (ed.). **Boston University Papers on Africa: Transition in African Politics**. New York: Frederick A. Praeger, 1968. p. 166-194.

JENKINS, Philip. **The Next Christendom: The Coming of Global Christianity**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KALU, Ogbu U. **Power, Poverty, and Prayer: The Challenges of Poverty and Pluralism in African Christianity, 1960-1996**. Trenton, NJ: Africa World Press, 2006.

KITTAY, Eva Feder, and Ellen K. Feder. **The Subject of Care: Feminist Perspectives on Dependency**. Lanham, Md.: Rowman & Littlefield, 2002.

LEE, Hong Jung. Minjung and Pentecostal Movements in Korea. In: ANDERSON, Allan; HOLLENWEGER, Walter J. (ed.). **Pentecostals After a Century: Global Perspectives on a Movement in Transition**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999. p. 138-160.

MARIZ, Cecília Loreto. **Coping with Poverty: Pentecostals and Christian Base Communities in Brazil**. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

MARTIN, David. **Pentecostalism: The World Their Parish**. Oxford; Malden, Mass.: Blackwell, 2002.

POEWE, Karla S., ed. **Charismatic Christianity as a Global Culture**. Columbia, SC: University of South Carolina Press, 1994.

PORTES, Alejandro. The Informal Economy and Its Paradoxes. In: SMELSER, Neil J.; SWEDBERG, Richard (ed.). **The Handbook of Economic Sociology**. Princeton: Princeton University Press; New York: Russell Sage Foundation, 1994. p. 426-449.

PORTES, Alejandro; CASTELLS, Manuel; BENTON, Lauren A. (ed.). **The Informal Economy: Studies in Advanced and Less Developed Countries**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1989.

PRIOR, Michael. **Jesus the Liberator:** Nazareth Liberation Theology (Luke 4:16-30). The Biblical Seminar 26. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.

RINGE, Sharon H. **Jesus, Liberation, and the Biblical Jubilee:** Images for Ethics and Christology. Philadelphia: Fortress Press, 1985.

SOLIMAN, Ahmed M. **A Possible Way Out?** Formalizing Housing Informality in Egyptian Cities. Dallas: University Press of America, 2004.

SWINTON, John. **From Bedlam to Shalom:** Towards a Practical Theology of Human Nature, Interpersonal Relationships, and Mental Health Care. New York: Peter Lang, 2000.

WALKER, Andrew. **Restoring the Kingdom:** The Radical Christianity of the House Church Movement. London: Hodder and Stoughton, 1985.

WESLEY, Luke. **The Church in China:** Persecuted, Pentecostal and Powerful. Baguio City, Philippines: Asian Journal of Pentecostal Studies Books, 2004.

YONG, Amos. Disability and the Gifts of the Spirit: Pentecost and the Renewal of the Church. **Journal of Pentecostal Theology**, v. 19, n. 1, 76–93, 2010a.

YONG, Amos. **In the Days of Caesar:** Pentecostalism and Political Theology. Grand Rapids: Eerdmans, 2010b.

YONG, Amos. Informality, Illegality, and Improvisation: Theological Reflections on Money, Migration, and Ministry in Chinatown, NYC, and Beyond. **Journal of Race, Ethnicity, and Religion**, v. 3, n. 2, 2012a. Disponível em: http://www.raceandreligion.com/JRER/Volume_3_%282012%29.html. Acesso em: 5 mar. 2011.

YONG, Amos. Salvation, Society, and the Spirit: Pentecostal Contextualization and Political Theology from Cleveland to Birmingham, from Springfield to Seoul. **Pax Pneuma: The Journal of Pentecostals & Charismatics for Peace & Justice**, v. 5, n. 2, p. 22–34, 2009.

YONG, Amos. **Spirit of Love:** A Trinitarian Theology of Grace. Waco, Tex.: Baylor University Press, 2012b.

YONG, Amos. **The Spirit Poured Out on All Flesh:** Pentecostalism and the Possibility of Global Theology. Grand Rapids: Baker Academic: 2005.

YONG, Amos. **Who Is the Holy Spirit?** A Walk with the Apostles. Brewster, Mass.: Paraclete Press, 2011.